

UCLA DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PORT 290: WAY-OUT AND MULTI-TONGUED ESSAYS ON POETS FROM THE AMERICAS

PROFESSOR PATRÍCIA LINO

ANTES DE MAIS
UM EXERCÍCIO METALINGUÍSTICO
MINI-ANTOLOGIA I

Fernando Pessoa dizia: «Aconteceu-me um poema.» A minha maneira de escrever fundamental é muito próxima deste «acontecer». O poema aparece feito, emerge, dado (ou como se fosse dado). Como um ditado que escuto e noto.

Sophia de Mello Breyner

Your work extends our idea of poetry. Do you have a personal definition of what poetry is?

If prose is a house, poetry is a man on fire running quite fast through it.

Anne Carson

Oh, not to be a boxer but a poet,
one sentenced to hard shelleying for life,
for lack of muscles forced to show the world
the sonnet that may make the high-school
reading lists
with luck. O Muse,
O bobtailed angel, Pegasus.

Wisława Szymborska

a) A grande arte poética da autoridade auto-nomeada

Arte poética

Que el verso sea como una llave
Que abra mil puertas.
Una hoja cae; algo pasa volando;
Cuanto miren los ojos creado sea,
Y el alma del oyente quede temblando.

Inventa mundos nuevos y cuida tu palabra;
El adjetivo, cuando no da vida, mata.

Estamos en el ciclo de los nervios.
El músculo cuelga,
Como recuerdo, en los museos;
Mas no por eso tenemos menos fuerza:
El vigor verdadero
Reside en la cabeza.

Por qué cantáis la rosa, ¡oh Poetas!
Hacedla florecer en el poema ;

Sólo para nosotros
Viven todas las cosas bajo el Sol.

El Poeta es un pequeño Dios.

Vicente Huidobro. *El Espejo de Agua*. 1916.

Ars

El verso es vaso santo; poned en él tan sólo
Un pensamiento puro,

En cuyo fondo bullan hirvientes las imágenes
como burbujas de oro de un viejo vino oscuro!

Allí verted las flores que la continua lucha,
Ajó del mundo frío,

Recuerdos deliciosos de tiempos que no vuelven,
y nardos empapados en gotas de rocío.

Para que la existencia mísera se embalsame
Cual de una ciencia ignota,
Quemándose en el fuego del alma enternecida
De aquel supremo bálsamo, ¡basta una sola gota!

José Asunción Silva. *El Libro de los Versos.* 1945.

Arte poética

Agosto endulza, inteligencia,
el grano en que el racimo al esbozarse piensa
y en gotas de ámbar lúcido condensa
el frenesí del cielo meridiano.

Lo que de la mirada hasta la mano
tarda la sed en consumir su ofensa
te deja recibir, uva indefensa,
el último derroche del verano.

Ay, pero entre los dedos transparentes
con que la asiduidad de la caricia
para una sabia copa te resume

¿de qué azúcar sincero te arrepientes,
tú, que la lentitud vuelves delicia,
arte el sabor y crítica el perfume?

Jaime Torres Bodet. *Sonetos.* 1949.

Arte poética

Mirar el río hecho de tiempo y agua
Y recordar que el tiempo es otro río,
Saber que nos perdemos como el río
Y que los rostros pasan como el agua.

Sentir que la vigilia es otro sueño
Que sueña no soñar y que la muerte
Que teme nuestra carne es esa muerte
De cada noche, que se llama sueño.

Ver en el día o en el año un símbolo
De los días del hombre y de sus años,
Convertir el ultraje de los años
En una música, un rumor y un símbolo,

Ver en la muerte el sueño, en el ocaso
Un triste oro, tal es la poesía
Que es inmortal y pobre. La poesía
Vuelve como la aurora y el ocaso.

A veces en las tardes una cara
Nos mira desde el fondo de un espejo;
El arte debe ser como ese espejo
Que nos revela nuestra propia cara.

Cuenta que Ulises, harto de prodigios,
Lloró de amor al divisar su Ítaca
Verde y humilde. El arte es esa Ítaca
De verde eternidad, no de prodigios.

También es como el río interminable
Que pasa y queda y es cristal de un mismo
Heráclito inconstante, que es el mismo
Y es otro, como el río interminable.

Jorge Luis Borges. *El Hacedor*. 1960.

Catar feijão

A Alexandre O'Neill

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

João Cabral de Melo Neto. *A Educação pela Pedra*. 1966.

b) A arte poética desautorizada

Poetry

I too, dislike it: there are things that are important beyond all this fiddle.
Reading it, however, with a perfect contempt for it, one discovers that there is in
it after all, a place for the genuine.

Hands that can grasp, eyes
that can dilate, hair that can rise
if it must, these things are important not because a

high-sounding interpretation can be put upon them but because they are
useful; when they become so derivative as to become unintelligible, the
same thing may be said for all of us—that we
do not admire what
we cannot understand. The bat,
holding on upside down or in quest of something to

eat, elephants pushing, a wild horse taking a roll, a tireless wolf under
a tree, the immovable critic twinkling his skin like a horse that feels a flea, the base—
ball fan, the statistician—case after case
could be cited did
one wish it; nor is it valid
to discriminate against “business documents and

school-books”; all these phenomena are important. One must make a distinction
however: when dragged into prominence by half poets, the result is not poetry,
nor till the autocrats among us can be
“literalists of
the imagination”—above
insolence and triviality and can present

for inspection, imaginary gardens with real toads in them, shall we have
it. In the meantime, if you demand on the one hand, in defiance of their opinion—
the raw material of poetry in
all its rawness, and
that which is on the other hand,
genuine, then you are interested in poetry.

Marianne Moore. *Others for 1919: An Anthology of the New Verse.* 2010. [1919].

3 de Maio

Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi.

Oswald de Andrade. *Pau Brasil*. 1925.

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de
[apreço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário
[o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela do co-senos secretário do amante
[exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes [maneiras de agradar as mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos *clowns* de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira. *Libertinagem*. 1930.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade. *Sentimento do Mundo*. 1940.

O Poeta assassina a Musa

Há dez dias que Clotilde
– Uma das musas queridas –
Anda aborrecendo o poeta.
Aparece carinhosa;
De repente vira as costas,
Diz várias coisas amargas,
Bate impaciente com o pé.
Então o poeta aporrinhado
Joga álcool e ateia fogo
Nas vestes da musa.
A musa descabelada
Sai cantando pela rua.
Súbito o corpo grande se estende no chão.

Diversas musas sobressalentes
Desandam a entoar meus cânticos de dor.
Clotilde ressuscitará no terceiro dia,
Clotilde e o poeta farão as pazes.
Música! Bebidas! Venham todos à função.

Murilo Mendes. *O Visionário*. 1941.

A Flor e a Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.
Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade. *A Rosa do Povo*. 1945.

Theme for English B

The instructor said,

*Go home and write
a page tonight.
And let that page come out of you—
Then, it will be true.*

I wonder if it's that simple?
I am twenty-two, colored, born in Winston-Salem.
I went to school there, then Durham, then here
to this college on the hill above Harlem.
I am the only colored student in my class.
The steps from the hill lead down into Harlem,
through a park, then I cross St. Nicholas,
Eighth Avenue, Seventh, and I come to the Y,
the Harlem Branch Y, where I take the elevator
up to my room, sit down, and write this page:

It's not easy to know what is true for you or me
at twenty-two, my age. But I guess I'm what
I feel and see and hear, Harlem, I hear you:
hear you, hear me—we two—you, me, talk on this page.
(I hear New York, too.) Me—who?
Well, I like to eat, sleep, drink, and be in love.
I like to work, read, learn, and understand life.
I like a pipe for a Christmas present,
or records—Bessie, bop, or Bach.

I guess being colored doesn't make me *not* like
the same things other folks like who are other races.
So will my page be colored that I write?

Being me, it will not be white.
But it will be
a part of you, instructor.
You are white—
yet a part of me, as I am a part of you.
That's American.
Sometimes perhaps you don't want to be a part of me.
Nor do I often want to be a part of you.
But we are, that's true!
As I learn from you,
I guess you learn from me—
although you're older—and white—
and somewhat more free.

This is my page for English B.

Langston Hughes. *The Collected Poems of Langston Hughes.* 1994. [1949].

Poem

As the cat
climbed over
the top of

the jamcloset
first the right
forefoot

carefully
then the hind
stepped down

into the pit of
the empty
flowerpot

William Carlos Williams. *Poetry. A Magazine of Verse.* 1950.

Autorretrato

Considerad, muchachos,
Esta lengua roída por el cáncer:
Soy profesor en un liceo obscuro,
He perdido la voz haciendo clases.
(Después de todo o nada
Hago cuarenta horas semanales.)
¡Qué os parece mi cara abofeteada?
¡Verdad que inspira lástima mirarme!
Y qué decís de esta nariz podrida
Por la cal de la tiza degradante.

En materia de ojos, a tres metros
No reconozco ni a mi propia madre.
¡Qué me sucede? -Nada.
Me los he arruinado haciendo clases:
La mala luz, el sol,
La venenosa luna miserable.
Y todo para qué,
Para ganar un pan imperdonable
Duro como la cara del burgués
Y con sabor y con olor a sangre.
¡Para qué hemos nacido como hombres
Si nos dan una muerte de animales!

Por el exceso de trabajo, a veces
Veo formas extrañas en el aire,
Oigo carreras locas,
Risas, conversaciones criminales.
Observad estas manos
Y estas mejillas blancas de cadáver,
Estos escasos pelos que me quedan,
¡Estas negras arrugas infernales!
Sin embargo yo fui tal como ustedes,
Joven, lleno de bellos ideales,
Soñé fundiendo el cobre
Y limando las caras del diamante:
Aquí me tienen hoy
Detrás de este mesón inconfortable
Embrutecido por el sonsonete
De las quinientas horas semanales.

Nicanor Parra. *Poemas y Antipoemas.* 1954.

É meu este poema ou é de outra?
Sou eu esta mulher que anda comigo
E renova a minha fala e ao meu ouvido
Se não fala de amor, logo se cala?

Sou eu que a mim mesma me persigo
Ou é a mulher e a rosa escondidas
(Para que seja eterno o meu castigo)
Lançam vozes na noite tão ouvidas?

Não sei. De quase tudo não sei nada.
O anjo que impulsiona o meu poema
Não sabe da minha vida descuidada.

A mulher não sou eu. E perturbada
A rosa em seu destino, eu a persigo
Em direção aos reinos que inventei.

Hilda Hilst. *Roteiro do Silêncio.* 1959.

Manifiesto

Señoras y señores
Ésta es nuestra última palabra.
-Nuestra primera y última palabra-
Los poetas bajaron del Olimpo.

Para nuestros mayores
La poesía fue un objeto de lujo
Pero para nosotros
Es un artículo de primera necesidad:
No podemos vivir sin poesía.

A diferencia de nuestros mayores
-Y esto lo digo con todo respeto-
Nosotros sostenemos
Que el poeta no es un alquimista
El poeta es un hombre como todos
Un albañil que construye su muro:
Un constructor de puertas y ventanas.

Nosotros conversamos
En el lenguaje de todos los días
No creemos en signos cabalísticos.

Además una cosa:
El poeta está ahí
Para que el árbol no crezca torcido.

Este es nuestro mensaje.
Nosotros denunciaremos al poeta demiurgo
Al poeta Barata
Al poeta Ratón de Biblioteca.
Todos estos señores
-Y esto lo digo con mucho respeto-
Deben ser procesados y juzgados
Por construir castillos en el aire
Por malgastar el espacio y el tiempo
Redactando sonetos a la luna
Por agrupar palabras al azar
A la última moda de París.
Para nosotros no:
El pensamiento no nace en la boca
Nace en el corazón del corazón.

Nosotros repudiamos
La poesía de gafas oscuras
La poesía de capa y espada
La poesía de sombrero alón.
Propiciamos en cambio
La poesía a ojo desnudo
La poesía a pecho descubierto
La poesía a cabeza desnuda.

No creemos en ninfas ni tritones.
La poesía tiene que ser esto:
Una muchacha rodeada de espigas
O no ser absolutamente nada.

Ahora bien, en el plano político
Ellos, nuestros abuelos inmediatos,
¡Nuestros buenos abuelos inmediatos!
Se retractaron y se dispersaron
Al pasar por el prisma de cristal.
Unos pocos se hicieron comunistas.
Yo no sé si lo fueron realmente.
Supongamos que fueron comunistas,
Lo que sé es una cosa:
Que no fueron poetas populares,
Fueron unos reverendos poetas burgueses.

Hay que decir las cosas como son:
Sólo uno que otro
Supo llegar al corazón del pueblo.
Cada vez que pudieron
Se declararon de palabra y de hecho
Contra la poesía dirigida
Contra la poesía del presente
Contra la poesía proletaria.
Aceptemos que fueron comunistas
Pero la poesía fue un desastre
Surrealismo de segunda mano
Decadentismo de tercera mano,
Tablas viejas devueltas por el mar.
Poesía adjetiva
Poesía nasal y gutural
Poesía arbitraria
Poesía copiada de los libros
Poesía basada

En la revolución de la palabra
En circunstancias de que debe fundarse
En la revolución de las ideas.
Poesía de círculo vicioso
Para media docena de elegidos:
"Libertad absoluta de expresión".
Hoy nos hacemos cruces preguntando
Para qué escribirían esas cosas
¿Para asustar al pequeño burgués?
¡Tiempo perdido miserablemente!
El pequeño burgués no reacciona
Sino cuando se trata del estómago.

¡Qué lo van a asustar con poesías!

La situación es ésta:
Mientras ellos estaban
Por una poesía del crepúsculo
Por una poesía de la noche
Nosotros propugnamos
La poesía del amanecer.
Este es nuestro mensaje,
Los resplandores de la poesía
Deben llegar a todos por igual
La poesía alcanza para todos.

Nada más, compañeros
Nosotros condenamos
-Y esto sí que lo digo con respeto-
La poesía de pequeño dios
La poesía de vaca sagrada
La poesía de toro furioso.

Contra la poesía de las nubes
Nosotros oponemos
La poesía de la tierra firme
-Cabeza fría, corazón caliente
Somos tierrafirmistas decididos-
Contra la poesía de café

La poesía de la naturaleza
Contra la poesía de salón
La poesía de la plaza pública
La poesía de protesta social.

Los poetas bajaron del Olimpo.

Nicanor Parra. *Obra gruesa.* 1969.

Piedra fundamental

No puedo hablar con mi voz sino con mis voces.

Sus ojos eran la entrada del templo, para mí, que soy errante, que amo y muero. Y hubiese cantado hasta hacerme una con la noche, hasta deshacerme desnuda en la entrada del tiempo.

Un canto que atravieso como un túnel.

Presencias inquietantes,
gestos de figuras que se aparecen vivientes por obra de un lenguaje activo que las alude,
signos que insinúan terrores insolubles

Una vibración de los cimientos, un trepidar de los fundamentos, drenan y barrenan,
y he sabido dónde se aposenta aquello tan otro que es yo, que espera que me calle para tomar
posesión de mí y drenar y barrenar los cimientos, los fundamentos,
aquello que me es adverso desde mí, conspira, toma posesión de mi terreno baldío,
no,
he de hacer algo,
no
no he de hacer nada,

algo en mí no se abandona a la cascada de cenizas que me arrasa dentro de mí con ella que es yo,
conmigo que soy ella y que soy yo, indeciblemente distinta de ella.

En el silencio mismo (no el mismo silencio) tragar noche, una noche inmensa inmersa en el sigilo
de los pasos perdidos.

No puedo hablar para nada decir. Por eso nos perdemos, yo y el poema, en la tentativa inútil de
transcribir relaciones ardientes.

¿A dónde la conduce esta escritura? A lo negro, a lo estéril, a lo fragmentado.

Las muñecas desventradas por mis antiguas manos de muñeca, la desilusión al encontrar pura estopa (pura estopa tu memoria): el padre, que tuvo que ser Tiresias, flota en el río. Pero tú, ¿por qué te dejaste asesinar escuchando cuentos de álamos nevados?

Yo quería que mis dedos de muñeca penetraran en las teclas. Yo no quería rozar, como una araña, el teclado. Yo quería hundirme, clavarme, fijarme, petrificarme. Yo quería entrar en el teclado para entrar adentro de la música para tener una patria. Pero la música se movía, se apresuraba. Sólo cuando un refrán reincidía, alentaba en mí la esperanza de que se estableciera algo parecido a una estación de trenes, quiero decir: un punto de partida firme y seguro; un lugar desde el cual partir, desde el lugar, hacia el lugar, en unión y fusión con el lugar. Pero el refrán era demasiado breve, de modo que yo no podía fundar una estación pues no contaba más que con un tren salido de los rieles que se contorsionaba y se distorsionaba. Entonces abandoné la música y sus traiciones porque la música estaba más arriba o más abajo, pero no en el centro, en el lugar de la fusión y del encuentro. (Tú que fuiste mi única patria ¿en dónde buscarte? Tal vez en este poema que voy escribiendo).

Una noche en el circo recobré un lenguaje perdido en el momento que los jinetes con antorchas en la mano galopaban en ronda feroz sobre corceles negros. Ni en mis sueños de dicha existirá un coro de ángeles que suministre algo semejante a los sonidos calientes para mi corazón de los cascos contra las arenas.

(Y me dijo: Escribe; porque estas palabras son fieles y verdaderas).

(Es un hombre o una piedra o un árbol el que va a comenzar el canto...)

Y era un estremecimiento suavemente trepidante (lo digo para aleccionar a la que extravió en mí su musicalidad y trepada con más disonancia que un caballo azulado por una antorcha en las arenas de un país extranjero).

Estaba abrazada al suelo, diciendo un nombre. Creí que me había muerto y que la muerte era decir un nombre sin cesar.

No es esto, tal vez, lo que quiero decir. Este decir y decirse no es grato. No puedo hablar con mi voz sino con mis voces. También este poema es posible que sea una trampa, un escenario más.

Cuando el baco alternó su ritmo y vaciló en el agua violenta, me erguí como la amazona que domina solamente con sus ojos azules al caballo que se encabrita (¿o fue con sus ojos azules?). El agua verde en mi cara, he de beber de ti hasta que la noche se abra. Nadie puede salvarme pues soy invisible aun para mí que me llamo con tu voz. ¿En dónde estoy? Estoy en un jardín.

Hay un jardín.

Alejandra Pizarnik. *El Infierno Musical.* 1971.

The gesture

The question is: how does one hold an apple
Who likes apples

And how does one handle
Filth? The question is

How does one hold something
In the mind which he intends

To grasp and how does the salesman
Hold a bauble he intends

To sell? The question is
When will there not be a hundred

Poets who mistake that gesture
For a style.

George Oppen. From "Five poems about Poetry". *New Collected Poems*. 1972.

Matéria de poesia

A Antônio Houaiss

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para a poesia

O homem que possui um pente
e uma árvore
serve para poesia

Terreno de 10×20, sujo de mato – os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia

Um chevrolé gosmento
Coleção de besouros abstêmios

O bule de Braque sem boca
são bons para poesia

As coisas que não levam a nada
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima

Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral

O que se encontra em ninho de João-Ferreira:
caco de vidro, garrapatos,
retratos de formatura,
servem demais para poesia

As coisas que não pretendem, como
por exemplo: pedras que cheiram
água, homens
que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia
Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia

As coisas que os líquenes comem
— sapatos, adjetivos —
tem muita importância para os pulmões
da poesia

Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mijam em cima,
serve para poesia

Os loucos de água e estandarte
servem demais
O traste é ótimo
O pobre-diabo é colosso

Tudo que explique
o alicate cremoso

e o lodo das estrelas
serve demais da conta
Pessoas desimportantes
dão para poesia
qualquer pessoa ou escada

Tudo que explique
a lagartixa de esteira
e a laminação de sabiás
é muito importante para a poesia

O que é bom para o lixo é bom para poesia

Importante sobremaneira é a palavra repositório;
a palavra repositório eu conheço bem:
tem muitas repercussões
como um algibe entupido de silêncio
sabe a destroços

As coisas jogadas fora
têm grande importância
– como um homem jogado fora
Aliás, é também objeto de poesia saber
qual o período médio que um homem jogado fora
pode permanecer na Terra
sem nascerem em sua boca
as raízes da escória

As coisa sem importância
são bens de poesia
pois é assim
que um chevrolé gosmento
chega ao poema
e as andorinhas de junho

Manoel de Barros. *Matéria de Poesia.* Fragmento 1. 1974.

The New Poetry Handbook

1 If a man understands a poem,
he shall have troubles.

2 If a man lives with a poem,
he shall die lonely.

3 If a man lives with two poems,
he shall be unfaithful to one.

4 If a man conceives of a poem,
he shall have one less child.

5 If a man conceives of two poems,
he shall have two children less.

6 If a man wears a crown on his head as he writes,
he shall be found out.

7 If a man wears no crown on his head as he writes,
he shall deceive no one but himself.

8 If a man gets angry at a poem,
he shall be scorned by men.

9 If a man continues to be angry at a poem,
he shall be scorned by women.

10 If a man publicly denounces poetry,
his shoes will fill with urine.

11 If a man gives up poetry for power,
he shall have lots of power.

12 If a man brags about his poems,
he shall be loved by fools.

13 If a man brags about his poems and loves fools,
he shall write no more.

14 If a man craves attention because of his poems,
he shall be like a jackass in moonlight.

15 If a man writes a poem and praises the poem of a fellow,
he shall have a beautiful mistress.

16 If a man writes a poem and praises the poem of a fellow overly,
he shall drive his mistress away.

17 If a man claims the poem of another,
his heart shall double in size.

18 If a man lets his poems go naked,
he shall fear death.

19 If a man fears death,
he shall be saved by his poems.

20 If a man does not fear death,
he may or may not be saved by his poems.

21 If a man finishes a poem,
he shall bathe in the blank wake of his passion
and be kissed by white paper.

Mark Strand. *Selected Poems.* 1979.

Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Drummond, há quarent'anos

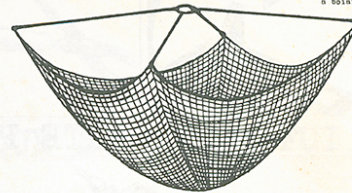
Estou velhinha, meu bem
e ca'duquinha também.
Se você não me acredita
vamos fazer um teste?
A Marta Rocha do Mangue

.....
20 anos e rouco
40 anos e louco
60 anos e torto
80 anos e oco
O resto é bife de abortio
com farofa de sapo morto
Zé Jibóia
O Filósofo Sereníssimo

Agradecimento especial:
Alair Corrêa (Véio)

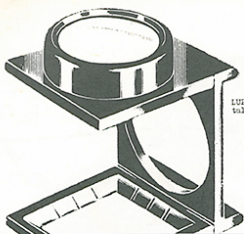
(c) Sebastião Nunes, 1983
Pedidos: Edições Dubolso
Caixa Postal 187
36770 - Cataguases, MG

SEDE DE
PENSA,
na piteira ar,
certifique
acostumado
a beber.



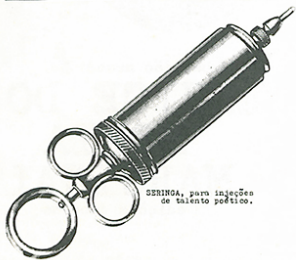
sebastião nunes
**A
VELHICE DO
POETA
MARGINAL**
edições dubolso

Para
ITALIUS HELENUS VIELLA
q' também dobrou a esquina dos 40 anos.



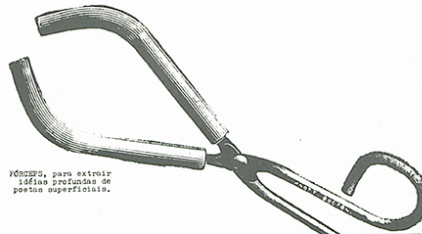
LUPA, para examinar
talentos minúsculos.

ARTE POÉTECA



SERINGA, para injeções
de talento poético.

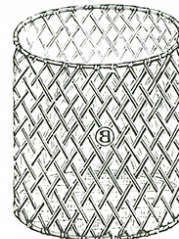
bem no fundo da biblioteca
morava horrível poeta mongolóide.
rimava fungo com resmungo
mofo com estofa
podridão com escuridão.
guardava seus poemas numa mala velha.
esquentava a sopa numa lata velha.
amava, quando amava, uma puta velha.



FORÇAS, para extrair
idéias profundas de
poetas superficiais.

OH QUE ESTÚPIDO FUI!

CESTA DE LIXO,
para material poético.
grande capacidade.



quebrei minha panelinha literária
no dia em que nasci.
voaram cacax, caquinhos e cagões
fedendo como nunca vi.
desde então sou poeta solitário
corajoso forte e temerário
orgulhoso pra caralho
mas no borralho.
quem me empresta nova panelinha?
quero que me puxem o saco.
exijo ser chamado gênio.
preciso cagar regras.
ai que saudades de uma cagadinha
na minha literária panelinha!

What You Should Know to Be a Poet

all you can about animals as persons.
the names of trees and flowers and weeds.
names of stars, and the movements of the planets
and the moon.

your own six senses, with a watchful and elegant mind.

at least one kind of traditional magic:
divination, astrology, the *book of changes*, the tarot;

dreams.
the illusory demons and illusory shining gods;

kiss the ass of the devil and eat shit;
fuck his horny barbed cock,
fuck the hag,
and all the celestial angels
and maidens perfum'd and golden-

& then love the human: wives husbands and friends.

children's games, comic books, bubble-gum,
the weirdness of television and advertising.

work, long dry hours of dull work swallowed and accepted
and livd with and finally lovd. exhaustion,
hunger, rest.

the wild freedom of the dance, *extasy*
silent solitary illumination, *entasy*

real danger. gambles. and the edge of death.

Gary Snyder. *No Nature*. 1992.

Workshop

I might as well begin by saying how much I like the title.
It gets me right away because I'm in a workshop now
so immediately the poem has my attention,
like the Ancient Mariner grabbing me by the sleeve.

And I like the first couple of stanzas,
the way they establish this mode of self-pointing
that runs through the whole poem
and tells us that words are food thrown down
on the ground for other words to eat.
I can almost taste the tail of the snake
in its own mouth,
if you know what I mean.

But what I'm not sure about is the voice,
which sounds in places very casual, very blue jeans,
but other times seems standoffish,
professorial in the worst sense of the word
like the poem is blowing pipe smoke in my face.
But maybe that's just what it wants to do.

What I did find engaging were the middle stanzas,
especially the fourth one.
I like the image of clouds flying like lozenges
which gives me a very clear picture.
And I really like how this drawbridge operator
just appears out of the blue
with his feet up on the iron railing
and his fishing pole jigging—I like jigging—
a hook in the slow industrial canal below.
I love slow industrial canal below. All those l's.

Maybe it's just me,
but the next stanza is where I start to have a problem.
I mean how can the evening bump into the stars?
And what's an obbligato of snow?
Also, I roam the decaffeinated streets.
At that point I'm lost. I need help.

The other thing that throws me off,
and maybe this is just me,
is the way the scene keeps shifting around.

First, we're in this big aerodrome
and the speaker is inspecting a row of dirigibles,
which makes me think this could be a dream.
Then he takes us into his garden,
the part with the dahlias and the coiling hose,
though that's nice, the coiling hose,
but then I'm not sure where we're supposed to be.
The rain and the mint green light,
that makes it feel outdoors, but what about this wallpaper?
Or is it a kind of indoor cemetery?
There's something about death going on here.

In fact, I start to wonder if what we have here
is really two poems, or three, or four,
or possibly none.

But then there's that last stanza, my favorite.
This is where the poem wins me back,
especially the lines spoken in the voice of the mouse.
I mean we've all seen these images in cartoons before,
but I still love the details he uses
when he's describing where he lives.
The perfect little arch of an entrance in the baseboard,
the bed made out of a curled-back sardine can,
the spool of thread for a table.
I start thinking about how hard the mouse had to work
night after night collecting all these things
while the people in the house were fast asleep,
and that gives me a very strong feeling,
a very powerful sense of something.
But I don't know if anyone else was feeling that.
Maybe that was just me.
Maybe that's just the way I read it.

Billy Collins. *The Art of Drowning.* 1995.

Anuncio publicitario

Se busca musa. Abstenerse flacas
resentidas travestidos y envidiosas.
Sueldo escaso
noches de amor intenso
y libros como hijos.

Cristina Peri Rossi. *Estrategias del Deseo.* 2004.

Ars Poetica #100: I believe

Poetry, I tell my students,
is idiosyncratic. Poetry

is where we are ourselves
(though Sterling Brown said

“Every ‘I’ is a dramatic ‘I’”),
digging in the clam flats

for the shell that snaps,
emptying the proverbial pocketbook.

Poetry is what you find
in the dirt in the corner,

overhear on the bus, God
in the details, the only way

to get from here to there.
Poetry (and now my voice is rising)

is not all love, love, love,
and I’m sorry the dog died.

Poetry (here I hear myself loudest)
is the human voice,

and are we not of interest to each other?

Elizabeth Alexander. *American Sublime.* 2005.

Mi carrera Literaria

Rechazos de Anagrama, Grijalbo, Planeta, con toda seguridad también de Alfaguara, Mondadori. Un no de Muchnick, Seix Barral, Destino... Todas las editoriales... Todos los lectores...

Todos los gerentes de ventas...

Bajo el puente, mientras llueve, una oportunidad de oro para verme a mí mismo:

como una culebra en el Polo Norte, pero escribiendo.

Escribiendo poesía en el país de los imbéciles.

Escribiendo con mi hijo en las rodillas.

Escribiendo hasta que cae la noche

con un estruendo de los mil demonios.

Los demonios que han de llevarme al infierno, pero escribiendo.

Roberto Bolaño. *La Universidad Desconocida.* 2007.

Quando eu falo de poesia, não é apenas da poesia que, eventualmente, nem sempre nós encontramos nos poemas. Falo do fenômeno poético de natureza epifânica, reveladora, do que confere uma obra de arte o estatuto de obra de arte pode ser musica, pode ser escultura, pintura, teatro, dança, cinema e literatura que é onde eu me coloco. Tudo isso que foi nomeado, tudo aquilo que eu chamo de arte se justifica pela poesia que ela contém. Se não tiver poesia não é cinema, não é teatro, não é pintura, não é literatura. Não tendo, ela é tudo menos obra de arte. A obra verdadeira é sempre nova. Não cansa o que traz de si mesma e apesar de si mesma, algo que não lhe pertence e nem pertence ao seu autor. Vem de um outro lugar, de uma instancia mais alta e através da única via possível que é a via da beleza. Em arte quando eu falo “beleza” não estou falando de boniteza, mas de forma, a arte é forma, não é do bonito que nós estamos falando. A forma, a beleza, revela o ser das coisas. É muito estranho falar do ser das coisas, esse ser ele é inapreensível, eu não dou conta de pegar o “ser” de uma rosa, de um rio, de uma paisagem ou de um rosto, mas quando a arte ela faz isso, ela apreende a coisa mais alta que está atrás das coisas, ela nos revela, nos remete à beleza suprema se nós estivermos despidos do orgulho, da razão e da lógica. Então para que esse fenômeno de revelação da arte possa acontecer temos que estar desnudos de todo o orgulho, a razão tem que abrir mão desse poder, a lógica tem que abrir mão desse poder para que a obra seja apreendida no único lugar para qual ela quer ir que é o centro da pessoa, aquilo que nós chamamos, o sentimento, os nossos afetos. Aquilo que nos constitui felizes ou infelizes, não é o que nós sabemos, mas é o que nós sentimos. Arte é para o sentimento, é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração e não para a nossa inteligência lógica. São Tomás de Aquino que falou sobre tudo na sua Suma Teológica, ele disse: “Todo ser é belo”. Se alguma coisa é, ela é bela. E a arte revela. O ser e toda obra verdadeira é, necessariamente, bela. Ela tem o jeito belo de mostrar até a feiura, é por isso que uma obra verdadeira

retratando alguma coisa horrível e asquerosa pode nos mover a ter aquela obra na parede, ou ter em casa ou comprar um livro ou comprar o disco, porque a beleza do ser ela é irretocável seja de que forma esse ser se apresente. Porque a beleza na arte, sendo beleza na forma, ela não é assunto! A gente faz muito esse equívoco: “a arte é o assunto, o enredo da novela, o enredo do romance, aquilo que a poesia ta falando”... Não é isso que é a beleza! Não é o que está sendo dito, mas como está sendo dito. Não é a coisa, mas como ela se move através da mão do criador e é isso que nós chamamos forma. Não é o que está se mostrando, mas como se mostra. Se não fosse assim, guerras, execuções, moribundos, enchentes, todo tipo de catástrofe não podia ser retratado pelo artista porque não é coisa bonita, não é coisa que se pode aparecer. A arte fala de absolutamente tudo porque qualquer coisa é a casa da poesia. Ela não escolhe tema nem enredo, nem assunto. Ela pousa onde lhe apraz e é esse o momento que é apreendido pelo poeta ou pela cineasta, enfim.

Adélia Prado. Transcrição de um excerto da sua entrevista no programa televisivo Sempre um Papo. 2008.

Pergunta errada

a questão não é
para que serve a poesia
mas sim para o que ela não serve

algumas hipóteses -

ao contrário do que se pensa
a poesia não ajuda na caça às mulheres -
no máximo elas se tornarão suas amigas -
nem é indicada para aumento de pênis

a poesia é ruim
no quesito ressurreição dos mortos
além de ser incapaz de evitar o luto

para fritar torresmos
ainda é melhor banha de porco
do que poesia

e quem escreve para ser eterno
mais cedo ou mais tarde se desapontará
até mesmo Shakespeare está com os dias contados

— para todo o resto a poesia serve
e serve muito bem

Fabrizio Corsaletti. *Piauí*. 2012.

Não sou poeta

Agora que os estalos da adolescência passaram
e a vida assenta como uma cômoda de mogno

agora que os joelhos estalam quando me levanto
sem mulher, sem filhos, mas com emprego estável
é preciso admitir que não sou poeta.

Embora o meu amor esteja solto no mundo
violento, semicego e ferido no ombro
não sou poeta.

*

Todos me felicitam. Que bom, dizem
vida de poeta é muito difícil.

Logo a gente chega a ser homem
e acaba com as coisas de menino.

A vida afunila.

*

Eu tinha dois, três truques nos bolsos
de calças compradas em shoppings.

Não soube nunca comprar como poeta
a longa espera por um par de sapatos
sentinela no deserto.

Os sapatos são fabricados e os pés dos poetas passam anos se deformando. Até que um dia cabem.
Por isso qualquer roupa parece velha
no corpo de um poeta.
Por isso estão sempre se desculpando

pelas roupas velhas.
Mas em segredo se orgulham.

Embora eu tenha um corpo
que pode ser confundido com o corpo de um poeta
não sou poeta.

Tenho as pernas fortes e os braços magros.
O torso amolecido dos boxeadores
os órgãos de dentro estropiados.

Mas quem me vê nu instintivamente sabe que não sou poeta.

*

Não levantei a mão esquerda em golpe de dançarina de flamenco ao ler Jaime Gil de Biedma para
os meus amigos,
embora tudo tenha conspirado para isso.
Para que se me entranhassem as coisas.

Concluo que não sou poeta.

Tenho os dedos frios de um técnico em informática
e sou triste como um técnico em informática
mas não sou tão triste quanto um barbeiro.

Eu li todos os tratados da métrica portuguesa.

*

Assinei dois contratos como poeta
que doravante já não têm validade.
Assinarei um terceiro, como última traição.

Serei perdoado por todos.

*

Doravante vão reinar o olho e a raiva.

As melhores botas para caminhar na areia
os cálculos de longas distâncias
os treinamentos de apneia.

O amor virá até mim como vai aos jornalistas e CEOs, aos sushimen de São Paulo (SP) que vieram do Ceará – ideais porque têm mãos quentes.

*

As partes elegem o Foro da comarca de São Paulo (SP), renunciando a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser, para dirimir todas as questões surgidas quanto à interpretação ou execução deste contrato que não puderem ser resolvidas amistosamente.

Victor Heringer. *Escamandro*. 2015.

Ars Poetica

Migration is derived from the word “migrate,” which is a verb defined by Merriam-Webster as “to move from one country, place, or locality to another.” Plot twist: migration never ends. My parents moved from Jalisco, México to Chicago in 1987. They were dislocated from México by capitalism, and they arrived in Chicago just in time to be dislocated by capitalism. Question: is migration possible if there is no “other” land to arrive in. My work: to imagine. My family started migrating in 1987 and they never stopped. I was born mid-migration. I’ve made my home in that motion. Let me try again: I tried to become American, but America is toxic. I tried to become Mexican, but México is toxic. My work: to do more than reproduce the toxic stories I inherited and learned. In other words: just because it is art doesn’t mean it is inherently nonviolent. My work: to write poems that make my people feel safe, seen, or otherwise loved. My work: to make my enemies feel afraid, angry, or otherwise ignored. My people: my people. My enemies: capitalism. Susan Sontag: “victims are interested in the representation of their own sufferings.” Remix: survivors are interested in the representation of their own survival. My work: survival. Question: Why poems? Answer:

José Olivarez. *Poetry*. 2019.

Second Generation Ars Poetica

My mother wanted me to stop sucking my thumb. I did not stop
on the nights she sliced the tips of red Thai chilies and rubbed them
on my hands. Juice stung my knuckles. Small yellow seeds burned.
It never occurred to me to stop doing what I wanted to do.
I adjusted to the temperature of my mouth. I sucked and panted
from the heat of the pepper. I sucked and stuck out my tongue for air.

Monika Sok. *Poetry*. 2022.

Ars Poética for a First G(ay)eneration Mexican-American

I lick every drop of sperm off a white man"s navel,
put my lips on his shaft,

his hand grips the back of my neck,

I open my mouth to swallow again,

Tell me something in Spanish.

Sound of my slob in the air,

Tell me something

in Spanish, Tell me

something in Spanish,

Tell me something

in Spanish.

That's how English asphyxiates me.

When the doctor pulled me out of Amá by the legs,

my body came out in the shape of the letter Y.

When the nurse asked Amá what she would name me

she took off the accent from my name.

Gave me to English at birth. Sometime I ask myself:

if Spanish is my first language

or if it's shame.

In the third grade my ESL teacher handed me English

in a book. Every word entered me

the way I penetrated a white man: eagerly & willing.

Yesterday I was reminded the word *animal*

is spelled the same in English & Spanish;

when the white Border Patrol spilled water on the floor

& told *Apá, Drink you animal!*

.

I don't remember at what age I became a translator

for my parents. My earliest memory is at the doctor,

telling him the symptoms *Amá* was feeling.

When I told my parents I'm gay

I didn't need to translate.

To ask for help has the same sound in any language.

More than once a white man has broken into me—

a cop on night duty licked my neck, *I love Latin men.*

Afterwards his head on my stomach,

Last night I arrested a man who looked like you.

One morning I heard *Amá* practicing English

from an Inglés Sin Barreras Tape. She wrote down words
on her notepad, mimicked the sound from the white man.

English has a pulse, I could hear it in her throat

& in mine.

Saúl Hernández. *Columbia Journal.* 2023.